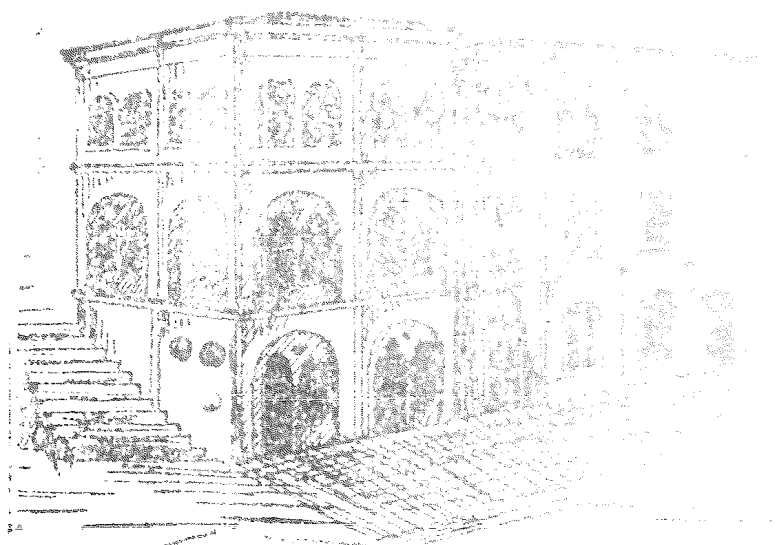
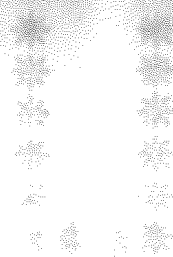
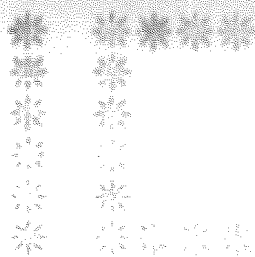
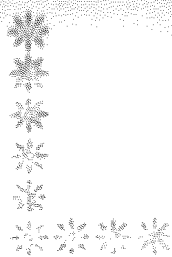
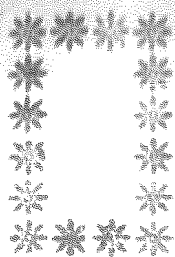

Cuiabá
Escolas Prof. Salesianas
1937



Órgão do Liceu de Artes e
Ofícios de São Gonçalo
Cuiabá Mato Grosso

SETEMBRO

***** ORIENTANDO O LECTOR *****



CRIK E CROK

NOVELA

Num longínquo país vivia um ladrão famoso que se chamava Crik. E nunca o poderam prender. Este ladrão procurava conhecer outro ladrão que se chamava Crok e que era tão famoso como êle, afim de poderem os dois fazer sociedade.

Aconteceu que um dia, sem o saber, Crik e Crok se encontraram num albergue, almossando. Crik, roubou o relógio de Crok. Este quer ver as horas e não encontra mais o relógio.

—Este deve ser Crik, disse Crok, porque me roubou sem que eu o percebesse. E roubou a carteira de Crok. No fim do almôssô, Crok quer pagar e não encontra mais a carteira.

—Você deve ser Crok, diz Crik ao companheiro.

—Sou êle mesmo, respondeu Crok.

—Então vamos roubar juntos.

Chegando á cidade foram roubar o tesouro do rei. O rei vê faltar o tesouro e nem sabe o que pensar, pois que a casa estava cheia de guardas. Foi então ter com Carregacal, célebre ladrão que se achava preso e lhe disse:

—Se tu me disseres quem roubou o tesouro te darei a liberdade e te farei marquez.

—Deve ser Crik ou Crok, porque não ha ladrão mais famoso do que êles, respondeu Carregacal. Mas eu hei de descobri-los. Faça Vossa Majestade subir o preço da carne a 100\$ a libra. A casa em que se der esmola de carne, marca-la-ei com sinal encarnado e Vossa Majestade saberá quem roubou.

E assim fez o rei.

Os dois ladrões compraram a carne por 100\$ a libra e um dia em que Carregacal, fazendo-se de pobre, foi-lhes pedir esmola, deram-lhe um pedaço de carne. Imediatamente Carregacal mar-

cou a casa de encarnado. Crik, sabido, vendo isso, foi marcar de encarnado as portas da cidade. E o rei não ponde saber quem tinha roubado. Carregacal, disse ao rei:

—Não lho disse eu a Vossa Majestade que se eu sou sabido, outros há mais sabidos do que eu? Ordene Vossa Majestade que se coloque no topo da escada do tesouro uma tina, cheia de azeite quente. O ladrão que for roubar, cairá nele e o veremos.

Crik e Crok já tinham roubado o dinheiro. Voltaram a roubar. Crok que tinha ido na frente caiu morto na tina. Crik espera, espera, e não o vê voltar. Foi então êle mesmo e vendo que o companheiro estava morto, cortou-lhe a cabeça, afim que não conhecessem quem tinha roubado. No dia seguinte foram todos ver e diziam:

—Desta vez caiu, não resta duvida.

Mas estava sem cabeça.

Carregacal disse então ao rei que fizesse arrastar o cadáver por dois caválos através das ruas da cidade, e onde ouvisse chorar, lá era a morada do ladrão.

Quando passavam na frente da casa dos dois ladrões a mulher de Crok começou a chorar: — Coitado de meu marido! coitado do meu marido!

Crik, vendo que assim seria descoberto, pôs-se a quebrar todos os pratos e chicaras e a bater na mulher. Os soldados do rei subiram, mas viram que aquela mulher chorava porque o homem batia nela por ter ela quebrado todos os pratos.

E não poderam encontrar o ladrão.

Carregacal disse ao rei: — Vossa Majestade organize um baile e aquele que tiver a ousadia de dansar com a sua real filha, este será o ladrão. E ela pa-

O LICEU



Órgão do Liceu de Artes e Ofícios de S. Gonçalo

Cuiabá — Mato-Grosso

Ano II

Setembro de 1937

N. 15

Vitória-Régia

Salve, ó gloriosa flor! tu, cujo nome encerra
A vitória e a realeza! alma flor, que o pistilo
Enorme ergues ao sol! flor dêste mar tranqüilo,
O' flor dos pantanaís da minha verde terra!

Tu me lembras o loto azul, que além descerra
Sua hierática flor sôbre as águas do Nilo,
Flor que reflete os céus no cálice a tingí-lo,
Flor de mistério e luz, flor que as trevas desterra!

E ao contemplar-te assim, ó ninféia robusta,
Eu sonho ver um dia, em porvir côr-de-rosa,
Tão grande como tu, tão soberana e augusta,

Tôda de fé e ideais a fronte constelada,
Triunfar das nações na flora luminosa,
Vitória-Régia em flor, a minha Pátria amada!

D. Aquino Correia

Uma vida POR bem vivida Tristão de Athayde

De « moça bonita » a freira

Lembra-me perfeitamente de têr ouvido falar, nos primeiros anos de minha adolescência, de uma moça, que deslumbrava os salões do Rio com a sua beleza, e provocava paixões entre os Lovelaces da época... Em Petrópolis, paravam as crianças na rua, para admirarem a « moça bonita ». Era filha da aristocrática família dos Barões do Rio Negro, e morava no mais belo palácio da cidade, o próprio Palácio Rio Negro, atual residência dos presidentes da República.

Essa moça de beleza deslumbrante, de rara inteligência e de grande fortuna, partiu um belo dia para a Europa, com seus pais. Alguns anos mais tarde, ouvi vagamente dizer que a bela Chiquita do Rio Negro, se fizera freira em Roma. E foi tudo.

Hoje, por mãos amigas e fieis, recebo um livro de um teólogo e filósofo, que Jacques Maritain considera como seu mestre, e é realmente uma das maiores figuras do pensamento contemporâneo: Garrigou Lagrange. É um livro escrito sobre a linda brasileira de há 30 anos, que, abandonando o mundo, se tornou Madre Francisca de Jesús, e foi em Roma fundar a companhia da Virgem. (R. Garrigou Lagrange — *Mère Françoise de Jésus* — ed. Desclée de Brouwer — 1937). O Superior Geral dos Dominicanos, famoso Père Gillet, dedica um prefácio especial ao livro, e entre outras coisas, e escreve esta simples frase que diz tudo: *Je vais la prier comme une sainte* ».

Ao terminarmos as páginas dessa extraordinária biografia e dos extratos de escritos e correspondências des-

sa nossa duplamente patricia, falecida em 1932, temos realmente a impressão de que nos encontramos, quem sabe? em face da primeira filha do Brasil, a merecer em breve a glória dos altares.

Sua vida foi, realmente, um verdadeiro caminho da santidade mais pura, pela renúncia, pela coragem e pelo amor.

Pela renúncia, porque tudo abandonou, beleza, fortuna, família, pátria, todos os prazeres do mundo, que lhe estavam assegurados pelo seu nascimento e pelos seus dotes pessoais, para seguir ao Cristo e ao Cristo Crucificado.

Pela coragem, porque essa jovem brasileira, que desde menina, fizera voto de perpétua pureza e oblação de si mesma como «vítima», foi sòzinha a Roma, pois junto ao Vigário de Cristo é que queria fundar a sua Congregação. Conseguiu, como Santa Teresinha, vencer tôdas as resistências, convencer ao próprio Pio X da necessidade de sua obra, e fundar essa Companhia da Virgem, na campanha romana, numa das mais belas e mais ilustres paizagens da terra, para trabalhar, pela oração e pela imolação, em favor das vocações sacerdotais, o bjetivo principal da sua fundação.

Enfim, pelo amor — pois sua vida foi um ato único de amor, de amor a Deus, pelo Cristo e pela Igreja (a divisa de sua obra foi mesmo «Christo et Ecclesiae») e de amor nos homens, pelo sacrifício de sua vida terrestre em favor dêles, expresso naquela frase sublime de um de seus escritos espirituais: «E' preciso amar a Nosso Senhor até à destruição de si própria». E essa destruição total do seu eu, para que nele habitasse apenas a graça divina, foi o grande e quotidiano exemplo da sua vida.

ACEITANDO O SEU «VOTO DE VÍTIMA», FEITO EM plena adolescência de beleza e de prestígio mundano, deu-lhe

Deus a alegria amarga da crucificação quotidiana, não só sob a forma de males físicos inenarráveis, que por várias vezes a levaram à mesa de operações dolorosíssimas e sofridas com sobrehumana coragem — mas ainda sob a dos mais terríveis sofrimentos morais, abandonos, calúnias, noites tremendas de agonia e aridez de alma, como as que descreve S. João da Cruz.

E' preciso ler êste livro. E' preciso viver com essa alma de Deus, através do que dela nos conta Garrigou Lagrange, seu diretor espiritual por nove anos, e do que ela própria nos diz em algumas páginas espirituais admiráveis de seu próprio punho — para compreendermos como estão nos antípodas da verdade aquêles que ousam dizer, com displicência, que — «a santidade não é de nossos dias.»

É uma brasileira, é a linda Chiquita do Rio Negro dos nossos salões de luxo, que vem proclamar como tantas outras almas do nosso tempo, a eterna primazia da santidade na vida da Igreja para a salvação do mundo.

«Abscôndita», chamavam-na as suas companheiras de sociedade pelos seus hábitos de moça já retraída e meditativa.

«Stércoza», chamava-se ela a si mesma para marcar o seu aniquilamento em face de Deus.

Santa «Chiquita», talvez a venham chamar um dia os nossos descendentes, senão nós mesmos.

De «A Cruz» de Cuiabá



**JOYENS! CANTAI OHINO NACIONAL, DE-
CÓR, COM ÂNIMO E ENTUSIASMO, CO-
MO VERDADEIRO BRASILEIRO QUE A-
MA O SEU PAÍS.**

Duas tiras

POR
HELIO MAIA

Hoje, contra o meu costume, não sahi de casa, após o jantar. Que dei-me sentado, longo tempo, na minha espreguiçadeira, perto da janella do escriptorio, olhando o crepusculo lento que se prolongava no luar mortiço. E ouvia a "hora do Brasi", que o possante *Sparton* do meu velho amigo e visinho Miraglia irradiava. Noticias ugubres da Espanha, do Extremo-Oriente, de todo o mundo, abalado, convulsionado pela infiltração perigosa dos bacilos communistas... E, com infinita tristeza, pensava no futuro da nossa Patria, ameaçada dessa tremenda contaminação da peste vermelha, que anda já flagelando outros povos, quando, na meia sombra do aposento, me chegam, claros e vibrantes, os sons do Hymno Nacional Brasileiro, que a P. R. A. 3. costuma transmintir no começo e no fim da sua irradiação. E, nesse momento, entra, pé an-

te pé, no escriptorio, o meu Fernando, de cinco annos e se põe diante de mim, em continencia, conservando-se nessa attitude até o final da transmissão do nosso bello e entusiasmico Hymno.

A attitude daquella criança, naquelle momento, foi para mim um raio de luz na escuridão densa dos meus pensares sombrios — não, Deus não pôde, não ha de permittir que o futuro de nossa terra, que é representado por essa infancia garida e simples, em que collocamos todas as esperanças, se afunde nessa noite negra e tetrica dum regime em que não existe nem a liberdade de crer nem o direito de amar — em que se nos arranca da alma o unico alento, que é a Fé e do coração, a unica e confortadora alegria, que é o Amor da familia e o carinho dos filhos!

É-me caro o amigo; mas também o inimigo me é útil. O amigo me mostra o que eu posso, ensina-me o inimigo o que eu devo.

Schiller

INGRATIDÃO

*Ingratidão, negra, como uma atra noite,
quando o vento sólla seu gemido súrdo
e dêscem as nuvens, quel medonho agoite,
ocultando estrelas e apagando tudo.*

*Ela se assemelha a uma tarde de inverno,
quando tudo gela na florêsta ingente;
é qual fria néve de desprêzo ctérno,
na sombria campá dum indifferente.*

*E' como o oceano tembrôso e brávo,
ou como o desérto sem vegetação
e que ao sentimento nobre, faz escrávo,
na planície imensa da desolação.*

*E' mais triste ainda que o tritonho canto
ao cair da tarde, no sertão bravio,
ou de que o sussurro de rego em pranto,
reluzendo náguas, no seu leito grio.*

*na vida que a cada sôu,
larga sem qualquer corção,
sempre cruelmente seu veneno injêta
sem lembrar favôres, sem ter compaixão.*

R. C. Pombo

Não há perigo

POR
Pe. Ascânio Brandão

Dizem os sorridentes, pacatíssimos otimistas nacionais que não há perigo! O comunismo não péga no Brasil.

E viva a pátria amada, idolatrada, salve! salve!

Somos formidáveis no vivas e nos ditirambos e discursos patrioteiros.

*O' Pátria amada
Idolatrada
Salve! Salve!*

A gente fala em propaganda comunista, em células comunistas, organizações secretas do comunismo no Brasil...

Qual! Não há perigo! Nada de pessimismo!

O brasileiro é um anjo de bondade, é uma criatura adorável, não dá para comunista assassino e cruel. Comunismo não péga no Brasil!

E haverá alguém capaz de convencer do perigo vermelho a algum destes otimistas cômicos de rosa? Aqui sim é que não há perigo!

Quando a gente ouve um destes cidadãos sorridentes numa palestra sobre a situação política do país, fica-se também todo cômico de rosa...

Não há perigo!

Comunismo no Brasil?

— Utopia! Absurdo! A índole nacional o repele!

Não há comunismo no Brasil! Não há, e não há mesmo! E nem Santo Antônio convencerá o otimista do contrário.

Inútil augumentar.

Enquanto muitos senhores católicos

A ONÇA E A RAPOSA

Certa vez, uma raposa foi passando por um caminho, e viu um buraco a cabeça de uma onça. A raposa aproximou-se do buraco e a onça lhe disse:

Fui gerada neste buraco, cresci e não posso sair; tenho a bondade de afastar a pedra que me impede de sair. A raposa afastou a pedra e a onça saiu do covil. Como estava com fome disse à raposa:

Eu vou comer-te. A raposa disse:

Então o bem que lhe fiz você me paga com o mal?

Vamos perguntar a um homem que mora aqui perto. Então foram; chegando lá, a raposa perguntou ao homem:

O bem, paga-se com o bem ou com o mal?

O homem perguntou a razão disto, e a raposa contou o caso sucedido. O homem disse:

Vamos lá. Chegados lá o homem ordenou:

Onça, entra no buraco para eu ver como é que você estava. A onça entrou e o homem e a raposa taparam a boca do buraco com a pedra. O homem sentenciou:

Lembra-te onça que o bem paga-se com o bem.

José F. Arruda

de água de flor de laranjeira sorriem de otimismo, o inimigo trabalha.

Também na Espanha até Reverendos e Reverendíssimos, até catolicíssimos figuras sorriam antes da revolução:

Não há perigo! Não há perigo!

A Espanha é tradicionalmente católica

Na França também estão sorrindo os otimistas.

Na Bélgica os Jocistas dão o brado de alarme.

E há também sorridentes!

Os liberais *côr de rosa!*

Que gente estulta, meu Deus! Que gente perigosa!

Ente nós, os *côr de rosa*, não te-
gião.

Temos o Cristo no Corcovado. Te-
mos o Cruzeiro do Sul. Temos as tradi-
ções católicas!

O povo é na maioria, católico!

Pra que se incomodar? Pra que se
afligir? Pra que se mata em propaga-
da anti-comunista?

Assim falam os *côr de rosa*, os Ir-
mãos da Confraria dos Braços Cruzados
e da Santa Água de Flor de Laranjeira!

Quem pôde com esta gente?

E eu tenho aqui em minhas mãos
o número 199 do ano XII da "*Classe
Operaria*" e uma multidão de folhas de
propaganda comunista que alguém me
ofereceu e pediu que abrisse os olhos aos
nossos Reverendos párocos e católicos
brasileiros. Li tudo. Assustei-me. Via as-
túcia do comunismo brasileiro. Vi a ser-
pente, a raposa comunista de perto.

E sabem o que me revoltou, o que
me deixou indignado?

O comunismo?

Não, mil vezes não. O comunismo
está no seu papel e escreve e diz e pro-
paga o que bem estende, de acôrdo com
o seu ideal. Está no seu campo.

O que me revoltou foi o doce e sor-

ALVARES de AZEVEDO

Este poeta nasceu em
São Paulo, de família mui-
to rica.

Quando atingiu a idade
de 2 anos, seus pais o le-
varam para o Rio-de-Janeiro.

Alguns anos depois Aze-
vedo ficou muito doente,
chegando ao ponto de seu
pai dizer que só veria o seu
estimado filho na outra
vida. Mas, Deus o sarou.
O pai internou-o num co-
légio. Aí os mestres reco-
nheceram a sua vasta in-
teligência, ficaram espanta-
dos....

O Diretor do colégio
que se chamava Dr. Stoll,
escreveu uma carta para
seu pai dizendo que seu
filho era o mais inteligente
das crianças que ele tinha
encontrado na América.

Na idade de 10 anos, em
ocasião do natalício de seu
pai, fez-lhe um discurso
em francês e seus parentes
muito admiraram, admira-
díssimos de tão raro talen-
to.

Voltando-lhe a mesma
doença, sentiu que ia mor-
rer. Fez muitas poesias,
entre as quais, as que mais
apreciei foram duas: "Se
eu morresse amanhã" e
"O Lenço dela."

Morreu, este grande po-
eta, no dia 25 de abril de
1852 depois de receber os
santos sacramentos.

Perdeu a vida na flor
da mocidade, perdendo
o Brasil um homem que
mais tarde seria um dos
1ºs, poetas brasileiros.

Antônio Anastácio

ridente otimismo dos bôbos, permitam-me a expressão, dos apatetados, dos ridículos catolicões de água de flor de laranjeira sorrindo, sorrindo, pacatos, felizes, à boca do vulcão, e repetindo a frase mais estúpida, inconciente, mais asnatica que já se pôde pronunciar nestas terras de Santa Cruz: — Não há perigo comunista no Brasil! Não há perigo!

E viva o Brasil!

Não há perigo, minha gente!

Vamos dar um beijinho na testa do Prestes, tão candido e inocentinho! Vamos levantar uma estátua ao Berger e aos deputados comunistas!

Não há perigo! Não há perigo!

E alguém otimista com certeza ao lêr este *Meu cantinho*, sorriu:

— Sossega, leão! Não há perigo!

Pátria



A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo. Um povo só começa a perder a sua independência, a sua dignidade, a sua existência autônoma, quando começa a perder o amor do idioma natal.

A morte de uma nação começa sempre pelo apodrecimento da sua língua.

Olavo Bilac



A MORTE DO CÃO

Um ricoço, mandara vir de um país longínquo, um grande cão, que lhe custou muito curo.

O animal era enorme, as patas possantes, e os dentes formidáveis.

Este ricoço, caçava muito, porém, só por divertimento.

O valente Gelert não tinha medo dos lobos, panteras etc. saindo sempre vitorioso em suas lutas e o ricoço era feliz... Mas, depois de algum tempo, a miséria acolou a sua casa, morreu-lhe a mulher, deixando uma linda criança! E então, o milionário viu-se na dura necessidade, e não caçava mais por distração, porém, para o seu sustento.

Um dia, o caçador foi à caça, mas quis deixar o cão. Este resignou-se ficando preso em sua corrente.

E a pobre criancinha, deitada em seu berço, num quarto contíguo ao da casa do cão.

Eis que, quando já noite, vê o cão um grande lobo que se aproximava, e ele vendo a porta aberta, fez alguns esforços e, arrebatando a corrente travou-se uma luta feróz! O cão assim mesmo velho e sem dentes, consegue derrubar o lobo e matá-lo.

E afastando a criancinha do seu berço, colocou-a junto de sua casa. Quando o caçador volta, não vê a criança, chega perto; vê sangue, aproxima-se

Clube E. D. Bosco

RECEBEMOS, com satisfação, de tão querido clube, a participação da eleição e posse da nova Diretoria que o regerá no período 1937-1938.

É este conhecido e célebre *alvi-cerúleo*, a mais antiga associação esportiva da capital que desde a sua fundação vem empolgando assombrosamente os os amigos do esporte.

Em seus anais, até o presente, registram-se: 135 vitórias; 64 empates; 35 perdas.

São cifras surpreendentes que fazem pensar com simpatia e admiração em seus valorosos componentes...

Têm-se lutado!...

No momento, vê-se que o C. D. B. vem galhardamente ganhando terreno no campeonato que com Confiantes marcham para a palma com sorrisos nos lábios.

Ele sabe que "a união faz a força" e pelejam irmanados, *um por todos e todos por um*, com verdadeiro amor pelo seu quadro.

A entrada do azul-e-branco no *grouud*, traz entusiasmo, emoções e alegria numa tarde pedebolística. Haja vista os embates que se passaram no gramado do Comercio Esporte Clube.

Inicia-se, neste mês, o *retorno* do bem organizado campeonato cuiabano e o futuro nos apresenta o campeão através de um grande ponto de ?

Pelejas sobrevirão a pelejas e um dos clubes, inscritos há-de arrancar este ponto interrogativo para nos mostrar o felizar-do CAMPEÃO de 1937.

Penhorados, agradecemos ao gentil C. D. B. a comunicação, fazendo-lhe mil votos de venturas na vida esportiva.

mais...

O cão vem-lhe ao encontro alegre, fazendo festas!...

O caçador, triste por ter perdido o filhinho, saca da cinta o punhal e transpassa o corpo do valente Gelert.

E, uma voz debil vin-da do canto diz: papai... papai... e o caçador voltando o olhar vê seu filhinho na casa do cão e o lobo, a um lado, morto pelo valoroso Gelert.

Deolindo de Moura

A virtude — escreveu Dormer Stanhope de Chesterfield — faz estrada em qualquer parte: ela brilha também na escuridão de uma vida modesta e separada e é sempre, cedo ou tarde reconhecida e recompensada

«O trabalho é uma lei suprema para todos os homens: é força, é justiça, é virtude; — logo, bendito seja o trabalho.»





S. LUIZ DE GONZAGA,
padroeiro da juventude, cu-
ja festa celebraremos no dia
26 de setembro.



A Verde Quixabeira

Que magestoso, meu Deus, é vêr às vezes,
Nos adustos sertões, nas grandes fráguas,
Campeando um mar de braços levantados,
Secos, mirrados, implorando as águas,
Que desçam lá do céu nos descampados,

A verde quixabeira das estradas!
Como é solene a grande copa amiga,
Tôda esperança na secura imensa,
Toda viçosa de uma seiva antiga,
Padrão virente de uma velha crença!

É então, meu Deus, que vou pensando trist^e
Na sêca horrível, que assolou as mentes
Da gente bôa dêste meu Brasil...
Onde medrou a peor das sementes
De uma doutrina dentre todas vil.

É quando irrompe forte do meu peito
Grito ardoroso de incontida sanha!
É dura de dizer-se a má verdade:
"Punida seja a malfadada manha"
Goze o inocente, pague a vil maldade.

Ah! verde quixabeira do sertão!
A entrelaçada coma que te enfeita
Verde-empoeirada em meio à sêca infinda
A espinhos e poeira tão afeita,
É o víride fatal da Pátria linda.

Amiga, velha amiga do viajor,
É's a esperança de uma Pátria cara
Que de contente num estertor brutal,
Se desaperta de uma féra rara,
Fere z adepto do gênio do mal.

Seja debaixo de tua sombra verde
Que o meu Brasil, este país da Cruz,
Na angústia extrema que lhe aperta a vida
Tenha guarida salvação e luz,
Se refocile para a nova lida.

Eu tenho fé como a do sertanejo,
Que espera sempre com certeza intensa
Os céus rorejarem a tão brava gente
Nau salvadora desta pátria imensa
Povo leal, povo gentil e crente.

Brasil, minha terra, meu torrão natal,
Sob o dossel da quixabeira verde,
Adora o Cristo que te deu a vista,
Implanta a cruz que em tempo algum te perde.
Sê cristão-verde, sê integralista.

Vuitó Sereno





Aniversariantes



MÊS DE SETEMBRO

Alunos

- 1 — Flávio Ferreira Pais (1ª série)
- 3 — Linésio Albuquerque Nunes (aprendiz)
- 8 — Oscar B. caricare (aprendiz).
- 10 — Acelino Lopes (aprendiz).
- 10 — Alí Ferreira da Costa (admissional)
- 13 — Jamiro Soares de Arruda (aprendiz)
- 13 — Clovis de Araújo Bastos (aprendiz)
- 14 — Gonçalo Leite de Figueiredo
- 16 — Joaquim José Marinho (1ª série)
- 19 — Armindo Bastos (aprendiz)
- 21 — Ataíde da Silva Bueno (1ª série)
- 22 — Mário Curvo Espalimando (1ª série)
- 24 — Diógenes Correia da Costa (1ª série)
- 25 — Carlos Rodrigues (1ª série)
- 26 — Cipriano Gomes da Silva (aprendiz)
- 27 — Armindo Leite (1ª série)
- 28 — Perí Taborelli da Silva (1ª série)
- 29 — Jaime Elias Nêmi (1ª série)
- 29 — José Miguel de Araújo (1ª série).



Salesianos

- 5 — Prof. Vítorio Tabone
- 11 — Prof. Angelo Serdi
- 17 — Clº Guilherme Bakker
- 19 — Clº Luiz de Carvalho
- 27 — Prof. Henrique Praturlon

PARABENS

*Debalde trabalharás pela causa se não
po, enquanto não ouvires bons conselhos—J. Bosco.*

Desafinado!

Tua vida, moço, há-de ser... música.

Como? — Isso: música. Produzindo solene harmonia entre tua fé e tuas obras.

Entre a crença e a ação.

Viver de fé... praticada.

O que crês, faze-o.

Que se o não fizeres, desafinarás horripelmente.

De que te vale dizer: sou católico, se depois, vindo ao fato, tu o negas?

Creio em Cristo!... E depois — novo Pedro moderno — o renegas, e te envergonhas d'ele, diante do primeiro homem ou da primeira mulher...

Assim tu desafinas.

Moço, nada de dobrez ou fingimento.

Ou com Cristo ou contra Ele.

Sem meio termo.

Vive harmonicamente, congruentemente.

Católico de inteligência, de coração, no corpo e no espírito para vibrar a nota justa nas sinfonias da vida...

Sinfonia inacabada...

...que acaba na Pátria de além no concerto da glória reservado para aqueles que fazem na terra a vontade de Deus.

Moço, não desafines.

BRASÍLIO MARAJÁ

Fragmentos...

A PÁTRIA

Ser patriota e ser cristão, é tudo!

Rozendo Moniz

Pátria é derivado de pai três vezes! Nosso pai pela terra onde nascemos, pela religião que nos fez conhecer, pela glória que nos reserva no cofre dos pósteros!

Conheçamos o nosso maravilhoso Brasil na íntegra para melhor poder amá-lo e com fé no Altíssimo saber quanto é doce morrer por ele...

Jovem, para amar tua pátria, *cumpra sempre o teu dever.*

A pátria é uma colossal rotativa dupla e cada um de nós é um pequenino dente das várias engrenagens que a compõem...

Vês então que, cumprindo o nosso dever aonde fomos colocados, o assombroso maquinário movimenta-se estupendamente bem!...

Cumpramos, pois, à-risca, o nosso dever de brasileiro.

Frederico Silva



Por M. LAPORTE



DEUS EM NÓS

Em certa região da Bretanha, costuma-se inculcar aos pequeninos as verdades religiosas sob forma de diálogos muito expressivos. Eis um exemplo:

Onde está Deus?—No meu coração.

Quem o pôs ali?—a graça.

Quem pode afastá-lo?—O pecado.

* * *

Deus em nosso coração, nesse santuário íntimo, nesse "Sancta sanctorum" que ninguém pode penetrar ou roubar sem nosso consentimento.

Deus em nós! Sublime realidade, tão deslembrada, no entretanto, por não poucos católicos, pois, segundo observava o Pe. Plus: "Entre todas as nossas aptidões, a mais singular é a de podermos passar ao lado de maravilhas sem darmos com elas."

Numa das suas viagens apostólicas, ao passar por Éfeso, São Paulo perguntou a uns discípulos se tinham recebido o Espírito Santo. Os bons discípulos saíram-se com esta: "Nós nem sequer ouvimos dizer que há Espírito Santo!"

Quantos cristãos, hoje em dia, dariam resposta igual!

* * *

Deus em nós? Há homens que não entendem destas coisas; outros até, que se riem, encolhem os ombros, julgando tais verdades não passarem de meros devaneios ou divagações de místicos.

Pois bem, nem o riso, nem o desprezo destes últimos podem impedir seja Deus o que Ele é: o mais real, o mais prático o mais positivo dos seres, .

Digamos antes: Deus não é um ser, mas sim... o Ser; o "Ser necessário" Ora, bem sabemos que a ação do Ente necessário ninguém pode subtrair-se sem grandes dissabores e pungentes sofrimentos.

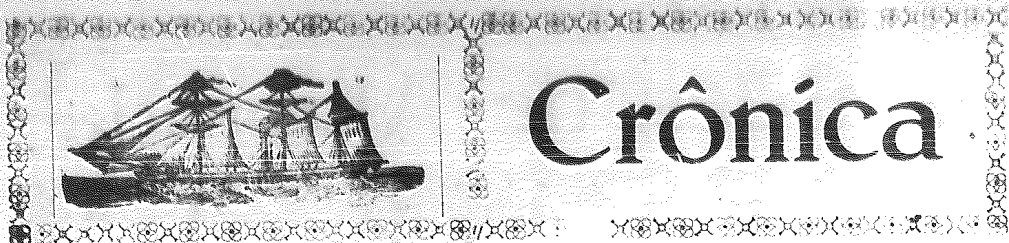
Infelizes, ignoram e caçoam. Nós é que teríamos direito de nos rir de sua sandice e caçoar deles...

* * *

Mas não; caçoada, nunca foi vingança de cristão, O discípulo de Cristo age melhor, reza e pede para todos o advento do reino de Deus nos corações.

"Meu reino está dentro de vós!" disse o Divino Mestre.

Ah! se todos os homens aceitassem o reino de Jesus no seu interior, que de transformações profundas na vida de cada um; que de duráveis harmonias nas relações sociais!



Dr. Fenelon Müller

Transcorreu a 19 de agosto a data natalícia do ilustre engenheiro Dr. Fenelon Müller, dd. inspetor federal do Ensino Secundário, junto ao Liceu de Artes e Ofícios de São Gonçalo.

As carinhosas manifestações de todos os seus conterrâneos, pedimos vênica para juntar as nossas singelas porém sinceras homenagens.

2 — Comemoração de Santo Afonso Maria de Ligório, padroeiro da Inspectoria Salesiana de Mato-Grosso e Goiaz.

15 — Assunção de Nossa Senhora. Missa cantada. — 1º domingo em preparação à festa de São Luiz de Gonzaga, que será celebrada a 26 de setembro p. f. — Nesse dia, parte para o Sul, o rm. sr. padre dr. Ernesto Carletti, dd. inspetor salesiano. Em sua companhia seguiu o clérigo José Corazza para o colégio Salesiano de Santa Teresa, de Corumbá.

16 — Comemoração do nascimento de São João Bosco.

19 — Parte, com destino à casa de Araguaiana, o clérigo Ernesto Tassarolo.

21 — Votos de profissão perpétua dos rmos. clérigos João Austrascas e Luiz de Carvalho.

25 a 28 — Retiro espiritual dos alunos do Liceu Salesiano, sendo prégadores os rmos. sr. padres Mário Blandino e José Xhardy.

guém me poderá negar é o direito de sonhar a grandesa de minha pátria, de crer na certeza do seu glorioso porvir.

«Um grande Brasil resplandecerá na América e deslumbrará o mundo com a punjança do seu espírito novo!» (2)

E ninguém, nunca, jamais, em tempo algum, apagará este Sol.

Do Roráima ao Chuí, da ponta das Pedras às cabeceiras do Javari — toda uma fulguração de astros, todo um imenso e incomparável brasido: o BRASIL!

Oswaldo Lobo

(1) PONTES DE MIRANDA: *Comentários à Constituição*, Tomo II, página 287 — Editora Guanabara, 1937.

(2) GUSTAVO BARROSO: *Espírito do Século XX*, página 232.

«O aluno franco é o ídolo do Colégio, impera e domina os seus colegas; depende só do regulamento e dos seus superiores.»

«BONDADE: esta é a primeira obrigação do aluno para com seus colegas; tratá-los com bondade.»

«O alcoolismo degrada, sacrifica os filhos e é inimigo do bem estar geral.»



Filho do Brasil

I

Nasci num país gigante,
Das mais gigantescas selvas,
Dos rios mais caudalosos,
Das mais verdejantes relvas,
Onde tudo é grandeza,
E' orgulho, é riqueza,
O céu é sempre de anil,
A noite sempre estrelada,
O dia eterna alvorada,
EU SOU FILHO DO BRASIL!

III

Nasci num país nascido
A' luz da Suprema Luz,
Os braços que o ampararam
Foram os braços da cruz,
Que vai batendo um roteiro
Aos fulgores do cruzeiro
Que brilha em seu céu de anil,
O seu fanal na amplidão
O sinal da Redenção,
EU SOU FILHO DO BRASIL!

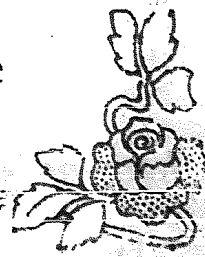
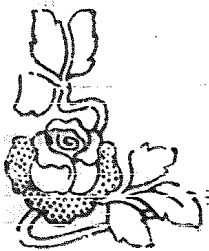
II

Nasci num país gigante,
De gigantescas idéias,
País que ao mundo já canta
Ali sublimes epopéias,
Onde ecôa, majestosa,
A voz de um Rui Barbosa,
De quebradas a alcantil,
Que ao inimigo, irrisório,
Aponta o gládio de Osório.
EU SOU FILHO DO BRASIL!

IV

Nasci do Brasil no Norte,
No Pernambuco invencível,
Que aos armipotentes bátavos
Mostrou quando era terrível,
A pujança do seu braço,
O seu peito rijo de aço
A sua fôrça viril,
Que morre, sorrindo á morte,
Sou filho do Leão do Norte,
EU SOU FILHO DO BRASIL

Maia d' Athayde



|| O luar de Mato-Grosso ||

O luar mato-grossense, parece-me, é mais encantador do que o do meu Estado; isto, aliás, já ouvira de pessoa amiga.

Depois de poucos dias de permanência aqui, pude observar e admirar a beleza de uma noite, quando vem aclarada pela lua.

Mas... não seria esta a mesma lua, que, em menino, via erguer-se acima das serranias de minha terra, e que me iluminava, nas primeiras horas da noite, quando a petizada exultava de alegria nos diversos folguedos?... Não fôra aquele mesmo satélite amoroso que, a deshoras, convidava minha mãe a sair comigo pela verde e plácida avenida?... Não seria aquela lua que, no seu plenilúnio do mês de julho, dentre alcantilados e viridentes montes, desponta soberba para os

romeiros dos Pirineus goianos?...

Não há duvidar; é o mesmo astro da noite, cujo zigzaguear miúdo é feito sôbre idêntico recâmo de estiêlas.

Porém, uma pequena diferença pude notar desde logo, e é que nestes lugares, onde predomina a planície, o horizonte é largo, e, portanto, o seu nascer é longínquo, e afastada permanece ela durante todo o percurso.

Em vez, para minha terra natal o despontar da lua é súbito, e, na sua derrota, vai librando docemente sôbre as cabeças dos homens, dando sempre agradável impressão de estar mais próxima, de ser mais carinhosa.

Tenoliva



A Rússia vai erguer a mais alta estátua do mundo.

É a estátua de Lenine.

Medirá oitenta metros de altura.

Dominará a cidade e o pôrto; olhará sôbre a terra e o sôbre o mar.

De agora em diante, a Humanidade terá, à-esquerda da estátua da Liberdade, que ilumina com seu farol o

pôrto de Nova York, o grande ídolo do exército vermelho. Como terá, à-direita, na jovem terra do Brasil, a imagem ciclópica de Cristo.

PLÍNIO SALGADO: *O Sojrimento Universal*, 3ª edição, pág. 25.

O desprezo e o ódio à religião que têm alguns homens é medo de que ela seja verdadeira.

Pascal.

PESCANDO



O mendigo — Bate em uma porta:
— Ó menino, diga para sua mãe se
me arranja \$200.

— Não tem...

— Então um prato de comida.

— Não tem...

— Nem um pedaço de pão?

— Não tem...

— Prós demonios, vocês estão pior
que eu!



Princípio de férias — Um pobre me-
nino acaba de ser reprovado em um
exame. Sai correndo em direção da
central de telégrafos e redata o tele-
grama seguinte dirigido a seu pai:
«Suspendo e m retórica; consciência
tranquila; vou.»

Duas horas depois recebia a respos-
ta, nestes termos:

«Espero-te estação; s o v a segura;
vem.»



Pode ficar com a moeda — Dois ga-
rotos acharam uma pequena moeda
na rua. Iam brigar. Resolveram, en-
tão, que quem mais mentisse ficaria
com a mesma. Nessa altura chegou
um velho.

— Não mintam, meus filhos. Tenho
70 anos e nunca menti.

E os garotos a um tempo:

— Pode ficar com a moeda, velho.



Confere — A falta de escrúpulo

vai vingando cada vez mais. Hoje
mesmo recebi uma nota falsa de 100\$.

E que fez com ela?

Graças a Deus, consegui passá-la
ao padeiro.



Numa redação — Quanto cobram
os srs. por uma notícia de falecimen-
to?

— Dois mil reis, por um centíme-
tro.

— Então não posso pagar, pois o
meu falecido irmão tinha quase dois
metros de altura...



*Uma colossal estátua de São Francis-
co será erigida na Califórnia.*

Comunicam de São Francisco, Cali-
fórnia, que o escultor Benjamin Bu-
fano trabalha atualmente para termi-
nar uma gigantesca estátua de São
Francisco de Assis, patrono da cida-
de.

Essa estátua, da altura de 60 metros,
será moldada em aço inoxidável, e e-
levar-se-á sobre o cimo mais alto dos
picos gêmeos que dominam a grande
metrópole. Os trabalhos da base do
monumento já se acham iniciados: o
conjunto, que terá assim proporções
consideráveis, dominará com sua mas-
sa as costas americanas do Oceano
Pacífico.



Quando não podemos alcançar o
que desejamos, devemos contetar-
nos com o que temos.



O sangue que o homem contém é $1/13$ parte do seu peso.
 A temperatura mais alta alcançada pelo homem é de 60°C — e a mais baixa de $273,3^{\circ}$ abaixo de zero.
 O cérebro do homem é 40 gramas mais pesado que o da mulher.
 Quem descobriu o espelho côncavo foi o Jesuíta Heber em 1680.
 Em Berlim construíram um relógio movimentado pelo mercúrio.
 Os arqueólogos Gastão Thompson Garner dizem que Egito já se cultivava o trigo 10.000 anos antes da nossa era.
 O fundador da república na China é Suint-Yat-Sen.
 A lua dista da terra 384.455 km-o diâmetro da lua é de 3480 km., i é, $1/4$ do diâmetro terrestre.
 Se as águas do globo terrestre fossem distribuídas sobre a terra, esta camada d'água teria 2.500 um de altura.
 A superfície da terra tem 510 milhões de km^2 e disto 361 milhões são d'água.
 A era dos maometanos começa com ano 622 depois de Cristo, ano da hégira, i. é, fuga, do Maomet, de Meca para Medina.
 O dominicano Alexandre de Spina inventou os olhos no sec. XIII.
 Francisco Rogeiro Bacon, grande físico e químico da Idade Média, construiu o primeiro (microscópio e Telescópio).
 O abade Ricardo Walinfor, no a. 1316 construiu o primeiro relógio astronômico.
 Em Chicago apareceu, na exposição nacional u'a máquina para estenografar, funcionando por meio de um microfone, sendo fácil a transcrição de qualquer conferência, discurso etc.
 As greves na França na segunda metade do ano passado, deram prejuízo de 4 milhões e meio de francos.
 Para a guerra na Abissínia o governo italiano mandou 13.000 oficiais e 530.000 soldados, dispoñdo estes de 105.790 cavalos e mulas, 484.640 fuzis, 14.436 metralhadoras, 1.608 canhões, 19.000 aeroplanos. Foram gastos 818 milhões de balas de fuzis, 4,2 milhões de balas de canhão e granadas.

A VIDA: para o cínico é uma comédia; para o poeta, uma tragédia; para o filósofo, um purgatório; para o egoísta, um inferno. (Grierson)

A VIDA Por Izé X. Nada

La vie est un éléon
Qu'en épluche en pleurant.

V. HUGO

O homem no seu rápido viver é um caminheiro que viaja em pedregosa estrada...

No seu nascer, é cheia de encantos e misteriosos enlevos... Passa-os suavemente e é extraordinariamente solene e majestoso o início da infância da vida. É nada mais, nada menos, equivalente a um lindo nascer do dia quando, o disco rubro-ouro do sol, vivifica, e pomposamente nos dá os encantos do amanhecer!

Mais tarde, o sol a pivo, nos lembra a forte rampa do amor onde o coração, retalhado, chora, ataviado por pontegudos espinhos de: egoísmo, traição, desenganos e contrariedades mil que, num efervescente borbulhar, nos deixa muitas vezes com um beijo frio e triste de uma só e eterna ilusão!

Segue além cronologicamente, a única sua rota o destino, que por linhas tão difetentes e cheias de agruras é inexplicavelmente misteriosas.

É assim. Todos sofrem nessa passagem cruel e misteriosa da vida.

Baldado é o amaríssimo arrependimento, quando chegar o agonisar cruciante da vida. Mas o que alivia e como que aparentemente conforta a pobre humanidade é saber que o sofrer mútuo é consólio geral.

"Bem dizia o conhecido Solon, filósofo ateniense, o qual querendo consolar a um seu amigo oprimido de veemente tristeza, o levou a uma torre eminente, donde descortinava toda a cidade lhe e disse: Considerai amigo, quantos prantos, lutos, aflições, desgraças e trabalhos estiveram já e atualmente estão, debaixo destes telhados e estarão sucessivamente pelos tempos vindouros: sem haver dia vago em que a morte, o infortúnio, não andem visitando já esta, já aquela casa. Pelo que, não sendo só vós quem padece, acomodai-vos à condição dos outros mortais".

Assim o veloz correr do viver humano! Muitas vezes sente-se envolvido na nuvem de uma volúpia efêmera, para logo depois cair no mar da decepção...

A felicidade e o prazer são lapsos momentâncos!... Enfim, o morrer saudoso do dia, vem despertar em nós sentimentos de reprovação por não sabermos viajar em tão pedregosa estrada.

Ninguém, por rico ou sábio que seja, póde esquivar-se às suas requintadas amarguras...

É no seu decurso, o momento de, tragando o conteúdo amargosos do calice da vida, semear a mãos cheias a flor do bem.

Felicidade, no verdadeiro sentido clássico da palavra, não é companheira da vida! É ela, flor única de exquesito e extranho perfume que no além conheceremos tão só, como prêmio das virtudes aqui jorradas.

Bem diz a frase que encima estas linhas: "A vida é uma cebola que se desfolha chorando." Quando menos se espera, nos sobrevêm desgostos e dificuldades. A cada passo surge um caso.

Como vemos, a felicidade não habita conosco na terra...

Por isso, não, nos detenhamos iludidos, á sua procura... Lembremo-nos sempre de que: *não somos daqui!*...



Problemas e Charadas

1ª Na minha infância, engatinhava e hervas comia gulosamente; quando cresci, fiz-me monge e jejuando passei os meus dias, depois arrombei o convento, fui bonita donzela, subi ao céu mas morri aflita.
E' a borboleta, que foi 1ª la-
garta, depois crisálida.

2ª Estamos sempre juntas
No mar, na terra, no ar;
Mas no golfo, no pó, no céu
Nunca nos podereis encontrar.
São as letras A e R.

3ª Posto na mesa partem, re-
partem mas ninguém me come.
É o baralho.

Qual é o jantar excelente,
que não se pôde digerir.
É aquele que não se come.

5ª Qual é objeto de duas grammas que não se pôde carregar na mão?

Duas grammas de chumbo der-
retido.



CHARADA

1ª — Toma as duas primeiras
Um pronome terás — 1
Com as quatro seguintes
Arma em parte terás — 2
Numa palavra ajunte
Ave informe terás.
Tucano.

2ª — Temos aqu o sentimento
n'água — 1 — 1 — 1.
Pescador.

3ª — No mato o passarinho, está
na sua cosinha — 2 — 2.
Caçarola.

4ª Sem outra cousa alumia na
oficina — 1 — 2.

Sovela.

ra reconhece-lo corte-lhe um pedaço do terno.

Crik percebendo-o cortou um pedaço da roupa de todos os que se achavam na festa. O rei então mandou afixar um edital dizendo que perdoaria ao ladrão que tinha roubado o tesouro real, se ele fosse capaz de ir roubar os lençóis na sua própria cama. Crik apresenta-se dizendo que é capaz.

De noite o rei se despe, põe a espingarda ao lado da cama, deita-se e espera a chegada do ladrão.

Crik sobe ao telhado da casa, faz um homem de palha, vestido como ele, e depois, lá pela meia noite, o faz descer

em frente da janela do rei.

O rei vendo o fantoche julga-o Crik e desfecha-lhe um tiro. O fantoche cai. O rei corre para ver o morto. Crik entra calmamente nos reais aposentos toma os lençóis, vai-se embora sem ser percebido, pois a mesma rainha o toma pelo rei.

No dia seguinte Crik leva os lençóis a Sua Majestade. E o rei é obrigado a perdoar-lhe, pois não podia faltar à sua palavra.

Trad. de EL-FARA'

Aguardem n' "O Folhetim do Liceu", respectivamente, nos meses de outubro, novembro e dezembro os seguintes contos:

AMIZADE SINCERA — Izé X. Nada

ANTE-SALA ÀS DUAS DA MADRUGADA — Pierre l'Ermite

PAPAI-NOEL — M. Émile Ollivier

Escolas Prof. Salesianas — Cuiabá — Est. de M. Grosso